ANO 5.º — Sexta-feira, 10 de Janeiro de 1913 — NUMERO 254

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O Estado e a Egreja

Vai grande celeuma por esse país fóra com o cumprimento da lei da Separação, na parte relativa ás cultuais, que agora se formáram.

Dum lado estão os bispos ferrenhos e ajesuitados, romanescos defensores da lei do seu Papa; do outro está a lei que é portuguêsa e hade cumprir-se.

No meio da contenda estão os fieis crentes, piedosos, que sem se intrometerem na questiuncula, são os mais prejudicados.

De fóra estâmos nós, que, inteiramente alheiádos do assunto, mas sempre integrados no nosso programa de justiça e verdade, dirêmos em primeiro logar que os prejudicados em sua crença e fé, o não são por culpa da Republiea; antes todo o mal que lhes vem o devem atribuir aos seus dementados orientadores, bem dignos de punição á face da lei.

A Republica, que a todos garantiu o livre exercicio do culto e crença. dentro da lei, não permite vexames, seja a quem fôr, por motivos religiosos.

O padre que se mancomunou com o bispo para pôr entraves á execução dessa lei, não merece atenções nem considerações dos amigos do novo regimen. Mas nem todos, felizmente, enfileiráram com os mentôres e, para estes, deve haver toda a consideração, porque não sendo politicos, ficáram patriotas.

A nossa dedicação pela Republica será sempre de modo a dar lição aos que, em campo adverso, calcavam justiça e verdade, só para esmagar adversarios.

Para dar cumprimento á lei não é preciso desrespeitar nem desconsiderar, e quem alheio vive das crenças não deve nélas intrometer-se para exercer represálias ou satisfação de caprichos.

Os padres a quem a lei obrigava a formar cultuais, retraíram-se, o que se não foi uma culpa, foi um erro, pois tendo élas de formar-se, alguns viram, com desgosto, a interferencia de individuos que lhes não agradavam. Não nos congratulâmos com isso e muito menos nos regosijâmos com os que na cultual procurem magoar a consciencia alheia no exercicio dum direito que lhe é legalmente concedido.

Paroquias ha onde, com dificuldade, se arranja um regedor e por isso calculâmos o que será uma cultual em taes circunstancias. Se a lei não se cumpre, fecha-se a egreja; mas por esses campos e por éssas aldeias aonde ainda a crença é conforto e lenitivo dos simples e as suas festas de ruidosa alegria e expansão á vida local, verão com desgosto cessar tudo isto que era a sua poesia.

Sendo a lei *una*, não deve ter aplicação e interpretação ao sabor das diversas localidades, restringindo ou ampliando garantias, como infelizmente sucéde por muita parte, a principiar pelo nosso distrito.

Na agitação das paixões politicas supuram muitas vezes odios que, de velha data, se abrigávam por esses campanários da mais insignificante aldeia sertaneja e embora sejam factores com que a Republica já contava, compéte aos bons republicanos evital-os para que os nossos inimigos saibam que o regimen lhes veio dar ensinamentos de melhor e mais caritativo evangelho.

Da odiosa monarquia herdámos figuras e factos que temos de vigiar com atenção e cuidado, castigando-os sempre que venham perturbar e desacatar as leis da Republica, sem deixármos de ser generosos para os que, arrastádos por caprichos alheios, ficam sem acção, sofrendo dânos e prejuizos, que as leis da democracia não permitem.

Suficientemente liberaes e respeitadores da consciencia alheia, não pretendemos arrancar-lhes o qne élas, ainda que erradamente, possam defender e acreditar, mas tambem não tolerâmos que imponham á nossa, o erro e a superstição que todavia os anima, ainda que conduzindo-os por um trilho errado

Dura lex, sed lex—dirão.

Mas a todos compéte bem integrar-se no espirito déssa lei como bons e leaes servidores do regimen e antes cumpri-la sensata, pacifica e ordeiramente do que arrogante, imperiosa e imprudentemente.

Nestes termos, ou a lei se cumpre sem irritações ou quem a não aceitar, abandona o seu logar sem odios nem ofensas.

Estâmos de sóbra convencidos que em muitos logares onde a discordia se tem estabelecido entre padres e as comissões cultuais, éla provém do paroco que não póde vêr com bons olhos o que, devido apenas á sua irrefletida intransigencia bem podia ter evitado pois a êle, a lei estabelecida, dá a primasía na constituição da cultual, como acima dizemos, com o manifesto intuito, por parte do legislador, de evitar conflitos com o ingresso na comissão de individuos que por qualquer motivo fôssem antipaticos ao paroco, visto ser êle que a lei investia do cargo.

Mas em abono da verdade devemos dizer que muitas desavenças tem nascido da má interpretação dos membros das cultuais e da exagerada latitude por eles dada ás suas proprias faculdades de fiscalisação.

Como pedimos para o padre rebelde em qualquer campo todo o rigôr da lei, assim exigimos daqueles que constituem as comissões cultuais toda a tolerancia compativel com a lei e com o regimen, todo o respeito condigno aos homens e á sociedade para aqueles que a tal situação tenham direito.

E' mesmo preciso pensar que dentro das cultuais póde alguem fazer-se *mais papista que o papa* com o fim reservado de crear dificuldades á execução da lei, cavando-lhe odios que se refletem intactos no regimen, do qual incontestavelmente—a tolerancia—é o seu melhor apanágio.

Concluirêmos com algumas palavras do editorial dum coléga, sobre este mesmo assunto, que muito bem diz:—*o rumôr e a agitação das paixões não pódem perturbar o calmo julgamento da consciencia humana, que é o espirito da historia, ao serviço da civilisação.*

Imprensa

Pelos seus aniversários, que acabam de passar, felicitâmos os nossos colégas *O Livre Pensamento*, de Lisboa, *Independencia de Agueda* e *Bairrada Livre*, de Anadia, este ultimo dirigido pelo nosso amigo Cipriano Simões Alegre que tem sido um bom combatente e esforçado propagandista do ideal republicano na região onde a *Bairrada Livre* vê a luz da publicidade.

= Saíu já nésta cidade o primeiro numero do jornal pedagógico que anunciámos ha pouco, tendo por titulo *Arauto Escolar*.

Dirige-o o sr. José G. Queiroz e apresenta-se com um quadro redactorial composto dos professores J. D. Geraldes, Santos Costa, Bruno Téles, Miranda Rocha e J. M. Moreira.

= Em Inhambane, Africa Oriental, começou tambem a publicar-se com o titulo de *A Alvorada* um novo periodico de cuja redacção faz parte o nosso velho e saudoso amigo Bento Casimiro Feio.

Aos dois colégas os nossos cumprimentos.

A SITUAÇÃO POLITICA

Afonso Costa, representante do Partido Republicano Português, fórma ministério

Porque saiu Duarte Leite

A ENCRAVAÇÃO DO CHEFE DO EVOLUCIONISMO

Havia pérto de quinze dias que os boatos de crise ministerial se vinham acentuando e consequentemente hipoteses sobre hipoteses se formávam tendo todas por unico objectivo o saber-se quem sería o sucessor do sr. Duarte Leite.

Por sua vez, este, que só no fim da semana finda apresentou ao chéfe de Estado a demissão colectiva do gabinête, que motivos particulares obrigávam a abandonar e não outros como alviçareiros pretenderam fazer crêr, conservava-se ainda á frente dos negocios públicos a pedido do sr. dr. Manuel de Arriaga, de passo que á presença do venerando ancião eram chamadas as várias figuras de preponderancia na politica a quem ouviu para se orientar e decidir sobre a sucessão do ministério demissionário.

O sr. Antonio José de Almeida, foi, entre todos, o primeiro dos chéfes escolhidos para formar gabinête. Nesse sentido trabalhou, mas a bréve trecho depunha nas mãos do sr. Presidente da Republica o encargo, por as dificuldades que lhe antulháram o caminho, entre as quaes o compromisso da amnistia aos presos politicos, que a opinião republicana não aceita de bom grádo e os demais partidos repudiam por extemporanea.

Sucéde-se ao fracásso do sr. Antonio José de Almeida a chamáda do sr. Afonso Costa.

Este estadista, que em si encarna o espirito genuinamente democrático do povo português, compromete-se a organisar ministério e nesse firme propósito inicía as suas *démarches* com o melhor exito.

Afonso Costa é, positivamente, um homem extraordinário que poucos egualam em actividade e ainda menos em talento, como dia a dia vem demonstrando. E se não, é vêr como dum instante para o outro conseguiu a formação do novo gabinête, introduzindo nêle elementos que dão as maiores garantias á Republica não só de defêsa contra as investidas dos seus inimigos, mas tambem de sã administração que é um dos problemas que neste instante mais déve preocupar os verdadeiros patriótas.

O ministério do Partido Republicano Português é, pois, constituido do seguinte modo:

Presidencia e finanças—**Afonso Costa**
Interior — **Rodrigo Rodrigues**
Justiça—**Alvaro de Castro**
Estrangeiros—**Antonio Macieira**
Guerra—**Major Pereira Bastos**
Colonias — **Almeida Ribeiro**
Marinha—**Freitas Ribeiro**
Fomento—**Antonio Maria da Silva**

O primeiro conselho de ministro teve ontem logar pelas 14 horas, na séde do Directorio, indo em seguida o novo govêrno apresentar-se ao sr. Presidente da Republica afim de hoje já poder ir ás duas casas do parlamento.

E assim nos congratulâmos com a solução da crise que em todo o país despertou o maior entusiasmo entre a massa republicana, que antevê no ministério presidido pelo sr. dr. Afonso Costa aquêle que mais se déve harmonisar com o seu modo de pensar e de sentir.

O *Democrata* saúda-o.

Como eles escrevem

Mão amiga envia-nos do Brazil um numero do *Correio da Manhã*, que se publíca no Rio de Janeiro, em que o famigerado franquista Anibal Soares, depois de aludir ao desastre da incursão de Chaves e consequentemente á resignação de Paiva Couceiro das funções de chefe de futuros movimentos monarquistas, diz:

. . . .

Mas nada me inhibe de acrescentar que, ao mandar anunciar ao rei D. Manuel, por um amigo, esta resolução inabalavel, Paiva Couceiro ajuntou estas palavras textuais:

Diga, porém, a El-Rei que, fóra déstas funções de militar, estou pronto a prestar á causa monarquica todos os serviços que de mim exijam; e além disso que, em meu parecer, não devem pensar sequer em desistir dos trabalhos da contra-revolução, *pois todas as fontes de apreciação que me fornecia o cargo que tenho exercido, são concordes em me assegurar de que a causa monarquica tem no país todos os elementos de triunfo.*

Depois désta mensagem, como antes, entre o senhor D. Manuel e Paiva Couceiro tem-se trocado a mais afectuosa correspondencia.

A significativa opinião do chefe resignatario, que tudo parecería dever levar, depois do insucesso, a encarar com pessimismo os negocios da politica monarquica, não póde deixar de ter pesado, com todas as outras circunstancias a que já aludí, no animo dos dirigentes. Assim, pois, ao que da mais genuina fonte me consta, as funções de chefe da nova organisação contra-revolucionária estão já nêste momento confiadas a um oficial superior do exercito, dotado de grande prestigio e autoridade pelos seus altos serviços áquéla instituição e á monarquia, pela preponderante situação militar e politica que ocupou em Portugal, pela nobre austeridade do seu grande caracter e pelas suas raras e preciosas qualidades de organisador e disciplinador. Sendo assim, em bôas mãos está entregue o encargo de redimir a Patria de tanta vergonha, como a que temos sofrido durante está ignobil bambochata demagógica, que será na nossa fulgurante historia uma mancha inolvidavel e imunda, mas que porventurá terá constituido para muitos—para tantos!—o duro ensinamento que deveria preceder e condicionar o inicio de uma politica vigorosa, fecunda, honesta e inteligente!...

Entre os elementos militares que tomaram parte na incursão e atualmente se encontram, quasi todos, por estas paragens, as noticias relativas á nova orientação dos trabalhos contra-revolucionarios têm produzido a melhor impressão e, direi mesmo, um franco entusiasmo. Compreende-se. Logo em seguida ao desastre de Chaves, o primeiro pensamento do senhor D. Manuel foi para os oficiaes que pela causa da Monarquia tinham perdido as suas carreiras e com élas o proprio pão, preferindo uma digna pobreza, visinha da miseria, á ignominia de servir, sob o trapo vermelho e verde, levados na ponta da bota pela vadiagem carbonária. El-Rei não tem hoje, como se sabe, fortuna propria, mas a bôa vontade chega a tudo; e assim, com um pouco do seu bolso e o que obteve da devotação de alguns monarquicos, conseguiu o senhor D. Manuel constituir um fundo, que assegura por algum tempo a modesta mas honrada sustentação daquêles oficiaes e das suas familias.

Sucéde, porém, que os oficiaes que não pudéram adaptar-se á humilhante servidão carbonária representam, como é de supôr, quasi tudo quanto de melhor havia no exercito português, no que toca ao brio pessoal e de classe e ao amor e respeito pela sua profissão; portanto, esta forçada ociosidade é a maior das torturas que poderiam ser-lhes impostas pelo destino. De aí uma legitima impaciencia, que todavia hade ser temperada pela consideração de que é preciso refazer tudo de novo, tudo reorganizar em bases diferentes, e que esse trabalho, por activo que seja, é forçadamente demorado em relação á anciedade de nós todos... e o estado quasi comatoso do país.

Tão demorado, que eu não sei se entretanto aquéla matulagem não se exterminará entre si, numa ampliação dêsses chinfrins de alfurja que de vez em quando rebentam entre as diversas facções republicanas e que em tempo o sr. conselheiro Bernardino melifluamente alimentava, ao aconselhar em público, aos seus partidarios, com o mais beatifico sorriso, o emprego da violencia contra os restantes usufrutuários da gaméla do podêr...

Não sería preciso tanto para encher de razão todos aquêles que abertamente se teem pronunciado contra uma amnistia aos presos politicos. Anibal Soares, autorisado como é por ser tambem um conspirador e conspirador de categoría, põe bem a claro o proposito em que se encontram os partidários de D. Manuel para que algumas duvidas possa haver no tocante a nova tentativa de restauração monarquica lá fóra preparáda.

Deixemo-nos de sentimentalismos piégas. A amnistia déve ser concedida mas só quando o govêrno veja que não perigam as instituições; e os seus inimigos tenham por completo desarmado reconhecendo a Republica como regimen legalmente constituido.

Tudo o que não seja assim é um atentado á nossa integridade contra o qual protestâmos em nome dos sentimentos patrioticos do povo português.

NA BRÉCHA

Hoje como ha cinco mezes

A discussão do caso Pereira da Cruz não terminará emquanto não fôr submetida a julgamento

Faz hoje cinco mezes precisos que, conhecedôres dum facto que alarmou a opinião pública, aqui dêle démos conta aos nossos leitores chamando em especial a atenção do sr. ministro da guerra.

O estranho caso fôra trazido para ésta cidade pelos membros que constituiam a junta medico-militar, pertencente a infanteria 28, com séde na cidade da Figueira da Foz e que, vindo fazer serviço em parte do nosso distrito, estáva então em Ilhavo procedendo ás inspecções dos mancêbos recenseádos para o serviço do exercito.

Dentre êles, alguns habilmente envolvidos por perguntas que lhes fôram feitas e convencidos que de facto o contratador, Manuel Pereira da Cruz, deveria ter entendimentos com aquêles oficiaes e medicos, confessáram ter feito o respectivo ajuste para conseguirem a sua isenção—um dêles designando a quantia de 30$000 reis, o que não era o *costume*, como noutras *transações* de igual natureza declaráva o traficante, e ou-

tros dizendo que: teriam por tal favor de pagar o que posteriormente fosse estabelecido.

Estes documentos que foram assinádos pelos declarantes que sabiam escrever e outros a rogo—mas todos lidos aos proprios, não só como exigencia da lei, mas ainda para que, mais tarde, não fosse feita, com verdade, declaração em contrário, como tudo consta no procésso e nos depoimentos dos citádos oficiaes - medicos, membros da junta; esses documentos, diziâmos, foram imediátamente trazidos á pessoa do sr. governador civil déste distrito, Julio Ribeiro de Almeida, com o testemunho de mais alguem que não escondeu nêsse momento a sua indignação, até ao rubro, mas que mais tarde, com o decorrer do tempo, viémos ao conhecimento que a revolta daquéla tenra consciencia, com a facilidade com que se exaltou e querê mos crêr com toda a sinceridede, no verdadeiro momento psicológico, com a mesma faculdade se adaptou ao pedido de anuencia solicitádo, que teve como base o velho anexim popular de que—*o melhor melão é o caládo*...

E até ha uma cérta aproximação entre o motivo ao qual se atribue a razão dêste aforismo, que serviu para prevenir um determinádo individuo preso, para que nada referisse sobre um qualquer assunto, pois sendo impossivel prevenil-o doutra fórma, laguem, interessádo no silencio do encarcerádo, teve a ideia denviar a titulo de lembrança, dois melões, sendo um aberto, com a seguinte indicação já referida—*o melhor melão é o caládo*—deixando á prespicácia do preso a percépção da frase na aparencia indicativa da sua significação.

E assim foi. Este *melão* tambem foi *caládo*, e se não se conseguiu provar que fosse tão bom quanto podia e devia ser, conseguiram os *negociantes* désta fruta e de isenções de mancêbos a 50$000 réis, *como é costume*, na frase consagráda, que éla apodrecesse sem proveito de ninguem, ainda que numa determináda subida de preço no mercado tentassem impingil-a ao público, que não. . comeu!...

Apresentadas, como dissémos, éssas provas indiscutiveis da existencia da mais ignobil traficancia, da mais porca *chantage* á qual, sem o mais leve escrupulo o sr. Manuel Pereira da Cruz ligava e misturava o seu nome e a sua pessoa, que por todas as razões deveria eximir-se a crime tão profundamente indigno como miseravelmente repugnante, foram élas devidamente apreciadas pelo sr. governador civil que por sua vez tambem ouviu o relatório que lhe fôra feito pelos apresentantes dos documentos, os ilustres medicos militares, membros da junta inspeccionadora de mancêbos para o serviço do exercito.

Todos nós, que conhecemos de sobejo o carater, o talento e o tacto do sr. Julio Ribeiro de Almeida, teremos de convencer-nos sem a mais leve discrepancia que, tomando conhecimento de quanto lhe era exposto e fazendo de tudo um inteiro e consciencioso relato que enviou para o respectivo ministro, é porque no espirito de s. ex.ª calou profunda e indistrutivelmente a verdade dos factos apontados e que sua era a crença absoluta de que preciso se tornava fazer justiça, castigando o miseravel que traficáva á custa, não só dum tributo sagrado, mas da ignorancia do povo. Do povo forçado com falsas promessas que abrangiam o caracter dos que, alheios ao infame conluio, lhe serviam, comtudo, para justificar, ainda que falsamente, no espirito dos explorados, a realisação dos seus compromissos, a empenharem as pobres choupânas ou o pequeno talhão de terra que representava o aido herdado dos paes, para entregarem éssas quatro duzias de mil réis nas garras aduncas daquéla ave de rapina que não têm bico, mas tem dentes, que não tem penas, mas tem barbas, segundo a classificação vulgar, não de Lineu, mas de muitas das vitimas devoradas pelo terrivel bicho, a que nada lhe chega, que tudo é pouco para satisfazer-lhe aquéla voracidade feroz, aquêle insaciavel papo, que tendo digerido ha muito a propria dignidade, digére presentemente... os magros cobres dos que se deixam... comer!

E quanto aqui dizemos, na parte relativa a quanto sobre este tristissimo caso pensou e pensa o sr. governador civil, vêl-o-êmos confirmado por êle proprio e por muitas outras pessoas de elevada representação, em pleno tribunal, quando ali formos dar conta da *caluniosa* e *difamante* campanha nas colunas déste semanário sustentada, faz hoje cinco mezes, visto que a justiça militar mandou arquivar o procésso, por falta de provas, e por abundancia de escrupulo... consciencioso!

Porque não foi outro... o motivo...

DR. RODRIGO RODRIGUES

Como noutro logar fica dito, foi escolhido para a pasta do Interior do novo govêrno presidido pelo eminente estadista, sr. dr. Afonso Costa o nosso muito presado amigo sr. dr. Rodrigo Rodrigues, que, com rara inteligencia e critério, exerceu em Aveiro o espinhoso cargo de chefe superior do distrito numa das situações mais criticas por que o país atravessou.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues póde-se dizer que encetou nésta terra a sua carreira politica. E a fórma como se houve durante os poucos mezes que esteve á frente da repartição distrital está nitidamente expréssa nas simpatias que durante esse lapso de tempo conquistou, nas saudades aqui deixádas ao partir e que ainda hoje perduram na alma dos sincéramente republicanos.

A noticia da sua ascenção ás cadeiras do Poder não podia, pois, deixar de produzir o justificádo alvoroço que se nota entre os seus numerosos amigos de Aveiro, que exultam nêste momento ao vêrem o grande democrata e distintissimo cidadão, dr. Rodrigo Rodrigues, ministro do Interior.

Nós o saudâmos, juntando estas palavras aos inumeros telegramas de felicitação que desde ontem lhe teem sido dirigidos.

Regulamento da ria

Por telegrama do deputado, nosso amigo, dr. Marques da Costa, que no Parlamento se tem esforçado por bem servir os interesses désta região, soubémos ter sido pnblicádo no *Diário do Govêrno* o regulamento da ria que garante e defende os direitos dos proprietarios, o que sem dúvida é para estes dum grande alcance.

PIEDADE... MODERNA

Quando muitos dos nossos correligionarios, coerentes com os seus principios e de harmonia com os seus sentimentos, se não descobriam á passagem de prestitos religiosos que se exibiam por essas ruas, ao abrigo duma condenável tolerancia que nem sequer agradecida foi, sobre êles choviam epitetos injuriosos, erguiam punhos fechados e levantavam-se bengalas, como manifestações de verdadeira *piedade* e *tolerancia* dos que julgam ser assim que se deve ser cristão e religioso quando afrontados com os que, como êles, não pensam. Tudo em louvor e graça da divina providencia, representada neste vale de lagrimas pela santa madre egreja católica opostólica romana, que tem como apostolos *Xixas, Pedros* e outras evangelicas creaturas.

Está ainda na memoria de todos a chamada feita a determinadas *mulas de reforço*, que envergaram a opa para abrilhantarem com a sua presença e engrandecerem com a sua pessoa, as ultimas déssas exibições que, por vergonha nossa, ainda por aí se fizéram, na ultima das quaes iamos pagando com a vida a heresía praticáda de nos não descobrirmos á passagem dos irmãos de calção e meia, devidamente barbeádos de opa flamejante, brandão em riste e... *Japão* na frente com outros japões na retaguarda, de vara de prata em... punho.

Pois estes devotos tão tementes ao Céo, que nos ameáçam matar, embora Deus num dos seus mandamentos determinasse — *não matarás*—se nos não descobrimos porque eles descobertos vão, estes devotos, diziâmos, na segunda feira passada agrupavam-se sobre a ponte, onde em tempos esperáram para nos linchar, como acima aludimos, e ali assistiram à passagem dum funeral sem a mais leve manifestação de respeito ou de piedoso sentimento, descobrindo-se como nós e outros na presença do cadaver que é conduzido á sua ultima morada, cêna tão intensamente comovedora quão profundamente emocionante, que acorda ao mais indiferente uma demonstração do mais tocante respeito e recolhida piedade!

Pois todos aqueles fervorosos cristãos, que por tanta vez os temos visto de opo e bentinhos, por essas ruas; marchando cadenceádos ao som das marchas gráves das gaiteiras filarmonicas, olharam, como boi para palacio, o tristissimo préstimo, sem levarem a mão ao chapéo, sem um simples movimento indicativo de respeito pelo cadaver do seu semelhante levado entre as fatidicas quatro taboas, que, para todos hão de servir de ultima guarda, de derradeira protecção ao não menos fatidicos sete palmos de terra que as hade tragar!

E é assim a religião, a piedade destes selvagens, que, no emtanto, nos ameaçam de morte se nos não descobrimos ao S. Jorge e ao S. Christovam—o famoso santo da... bôla e dos chouriços...

Pêsames

Dâmol-os aos nossos amigos Antonio José Marques e Sebastião Lourenço, áquêle por falecimento de sua mãe e a este, ausente na Africa, por morte de sua esposa no fim da semana pretérita, o que deveras nos surpreendeu.

A' frente da delegacia de saude do distrito de Aveiro está um individuo, um medico que nós têmos acusado do crime de burla, com cérta preponderancia sobre muitos dos seus colégas, o que de fórma alguma se póde admitir.

O sr. Pereira da Cruz, delegado de saude, não tem hoje autoridade moral para exercer esse logar. Com repulsão o dévem olhar todos os medicos que se acham sob a sua alçada e desde que assim é parece-nos que providencias se teem de tomar relativas á continuação nesse cargo do indigno cavalheiro que o ocupa.

UM INQUERITO

Afim de proceder ao inquérito, que acaba de ser ordenado pelo ministério do Interior, sobre o serviço de passaportes no govêrno civil de Aveiro, encontra-se nésta cidade o sr. Augusto Gil, que, no desempenho da missão que o aqui trouxe, encetou os seus trabalhos.

PADRES REBELDES

Consta-nos que pelas respectivas autoridades foram tomádas providencias no sentido de serem quanto antes metidos na ordem os priores de Esgueira e da Oliveirinha, a quem a recente formação das cultuais parece ter causádo engulhos, visto o modo como perante os seus membros se apresentáram, não as reconhecendo e incitando até os paroquianos contra élas por serem constituidas por gente *excomungada*, que está fóra da lei de Deus, etc., etc.

O masmárro da Oliveirinha, esse, levou ao ultimo extremo o seu rancôr anti-cultualista: proíbio o sacristão de ajudar á missa, serviço que desempenhava ha mais de 30 anos, por se ter inscrito na cultual sem se importar com a excomunhão do padre!

Pois sr. administrador do concelho: se as leis da Republica se fizéram para se cumprir não déve V. Ex.ª esperar mais tempo.

Limpe-se a classe sacerdotal dos que só a desonram pelo seu espirito ganancioso e açambarcador, porque feito isso a paz não ficará assegurada só em Varsovia, mas em todas as freguezias de Portugal.

ADRIANO COSTA

Trouxe-nos o telegrafo a triste nova do seu falecimento, em Coimbra, para onde ha cêrca dum mez tinha partido, no intuito de seguir para a Guarda na primeira oportunidade. Natural daquéla cidade, Adriano Costa ha muitos anos vivia entre nós, habituando-nos a considera-o como nosso verdadeiro conterraneo.

Ainda que estivesse no espirito de todos a convicção do inevitavel desenlace que se deu, compunge-nos profundamente o triste acontecimento porque vemos desaparecer após prolongadissimo e não menos deloroso sofrer, não só um velho amigo, como um sincéro e devotado partidário do Ideal republicano, que sempre dedicadamente servia, independente da época em que muitos se retraíam, por tal atitude significar um perigo.

Adriano Costa, que foi modelar na sua existencia, apesar désta quasi sempre traduzir uma série ininterruta de gráves dificuldades, especialmente nos ultimos anos que a terrivel doença, que o vitimou, o impossibilitára por absoluto, viveu defrontado com as provas mais amargas mas sem todavia macular o seu nome na prática de qualquer acto menos digno.

E apesar da sua pobreza, vários anos aí o vimos pela época do carnaval, no mais rigoroso disfarce, colhendo esmolas com que nêsses dias minorou a penúria de muitos lares.

Inteligente e habil, êle tanto manejava a prensa de encadernador, que só abandonou por absoluta impossibilidade, como a pena, ora escrevendo, ora compondo, tendo um drama seu, comoventa e moral—*O filho espurio*—assim como variádas poesias e musicas que êle popularisou entre nós, sendo tambem de sua composição o hino da associação local—*Recreio Artistico*.

Foi tambem um devotado amador do palco, tomando parte em muitos espetaculos, com fins caritativos, bem nos recordando ainda do entusiasmo com que êle desempenhou o papel de Serpa Pinto, na patriotica comédia *John Bull*, da lavra do primoroso escritor e jornalista Fernando Vilhena, com a pobre colaboração de quem escreve éstas linhas, quando o amor patrio nacional vibráva de indignação magoádo pela brutalidade do célebre *ultimatum* inglez.

A quasi toda a imprensa local Adriano Costa deu o seu concurso, independente do encargo de cronista em muitos jornaes conimbricenses.

Nas colunas do *Democrata* foi muitas vezes insérta a sua colaboração e dias antes da morte pôr termo áquéla torturáda existencia, numa demonstração de leal camaradagem enviáva-nos êle o seu cartão de *bôas-festas* desejando-nos *um ano devidamente retribuidor da nossa árdua taréfa*.

Têm éstas palavras a data de 1 do corrente.

Quatro dias depois Adriano Costa desaparecia para sempre, deixando contudo entre tantos quantos o conheceram e com êle tratáram o amargo pezar que provém da perda dum bom amigo, dum homem de bem.

A sua esposa e irmãos a estima e viva expressão do nosso sincéro pezar.

AS LANCHAS

A' hora a que fôr distribuido *O Democrata* é muito possivel que já aí estejam as tres lanchas que vêm fazer serviço da fiscalisação na nossa ria.

O sr. capitão do porto, Silverio Rocha, regressou da capital onde foi tratar da expedição dos barcos que devem ser conduzidos pelo caminho de ferro, tendo sido por aquéla autoridade solicitada licença para que os mesmos sejam trazidos até ao extremo do ramal de S. Roque e ali lançados á agua, para o que já se está preparando, em logar proprio, o respectivo varadoiro.

Mas que odio...

O *confrade* lá de baixo, a *Liberdade*, é tal a gâna que nos tem, o despréso que nos vota, que nem sequer o nosso nome incluiu no numero dos republicanos dos comicio de Macieira de Cambra, quando da nossa parte relutancia alguma manifestâmos ao pedirem-nos para êle os indispensaveis apontamentos destinádos á noticia.

Vem isto apenas como simples comparação de procedimento. Porque, de résto, toda a gente sabe que não sômos dados á notoridade nem pretendêmos elevar-nos no conceito público á custa dos réclamos dos jornaes. Isso são procéssos do *Camalëão*, que muitos *obreiros da imprensa* já seguem com superior vantagem sobre aquele, o que não admira se por um momento observarmos o intelecto duns e doutros.

Impagaveis *jornalistas*...

Beja da Silva

Um pouco encomodado de saude, tem estádo recolhido em casa este nosso presadissimo amigo, que, como administrador e comissário de policia distrital, logares que exerce vai para dois anos, conquistou verdadeiras simpatias entre a familia democrática.

Ardentemente desejâmos as suas melhoras.

Mais uma semana se passou sem que o sr. Pereira da Cruz apresentasse no tribunal o prometido requerimento de queréla contra o DEMOCRATA pelas verdades que nêle se teem publicádo a respeito das suas negociátas com as isenções do exercito.

Porque esperará o HONRADO especulador?

Estradas

Com as ultimas chuvas estão em miseravel estado quasi todas as estradas do nosso distrito. A que liga Aveiro a Ilhavo pouco lhe falta para ficar intransitavel em alguns pontos, o mesmo sucedendo a algumas ruas da cidade que se transformáram em autenticos chiqueiros.

Se tivéssemos a certeza de sermos escutados por alguem aqui chamariamos a sua atenção para o que acabâmos de expôr; mas como isso seja um tanto ou quanto problemático o melhor é registar só o facto á espera de qualquer resolução dos que superintendem nos assuntos de obras a vêr o que vem...

Serviço de administração

Mandámos á cobrança pelo correio, uns, e por intermédio de obsequiosos amigos nossos, outros, os recibos de "O Democrata,, vencidos ou prestes a vencerem-se, do que dâmos conta aos nossos presados assinantes rogando-lhes a finêsa do seu bom acolhimento afim de nos evitárem novas despêsas e podermos trazer em dia a escrituração do jornal.

***

No **Congo Bélga, Pará** e **Manáus** estão respectivamente encarregados de receber as assinaturas que lá possuimos, os srs. **Henrique Madail, J. J. Nunes da Silva e João Simões Amaro Junior,** devendo os assinantes das outras partes do ultramar, onde ainda não temos pessoa idonea que nos represente, mandar as importancias directamente a esta redacção, o que desde já muito agradecêmos.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JANEIRO

DIAS	PHARMACIAS
12	MOURA
19	LUZ
26	RIBEIRO

MORTOS OU VIVOS?

Nem *episcopus* nem *episcopantes*.

Desapareceram dentre os lusos as sentinélas vigilantes de Israel e o pobre rebanho disperso, parece ferido pelo anátema da condenação á morte.

Onde estais luzidíos ornamentos do trôno?

Onde vos sumistes conspicuos *pastôres rapaces* déssas ovelhas que o Cristo vos confiou, no vosso dizer mentiroso de outróra? Onde estais agora, quando antes estavas por *graça de Deus*?

Ninguem responde!

Apagou-se a lampada do mistico oleo e eles aí vão como féras escorraçadas, pusilanimes em sua fé, descrentes do seu mandato.

Covardes!

Vinde em defêsa do vosso rebanho no seio do qual tanto gosástes e engordastes; vinde e mostrai que sois homens de fé e não de temporalidades, mostrai que só por sacrificio aceitavas o ouro do trôno e a tosquia das ovelhas.

Vinde, ungidos do Senhor, que se nós não temos uma carta muito amavel para vos dar a lêr, temos que vos pedir contas da arrogancia com qne outróra falavas e da covardia que hoje tendes.

Tomai o baculo, traçai a capa opostólica, evangélisai, não temais a cadeia, que se lá entrares, imitais os apóstolos; vindo até ás praças públicas, mostrai-vos ao povo que vos espera.

Não estais dispostos?

Pois ide embora até aos sertões de Africa livrar das garras de Satanaz os pobres negros que esperam o Redentor.

Não ides? A nada vos moveis Santos varões?

Estais mortos.

Das cavérnas onde vos refugiastes, só déstes um triste sinal de vida, parodiando a carta da menina Marta—*vinde cá queridos pensionistas que temos aqui uma carta muito linda para vos dar*—a que os pensionistas responderam—se nos apoquentais ricos bispinhos mandamo-vos... passear.

Como em tão pouco tempo são diferentes os tempos. Até ha pouco, tudo era pela graça de Deus e da Santa Sé Apostólica, bispo, etc., agora nem *episcopus* nem *episcopantes* apesar de tantas diocéses vagas. Acabou-se a graça de Deus e o chamamento do mesmo Deus.

Já não podeis usar nem abusar da frase bombastica com que vos enfeitavas—o peso e espinhos da cruz peitoral—de que Afonso Costa vos livrou e para quem tão ingratos tendes sido.

Pois bem; dizei a Deus o bem que recebestes pela mão dêste portuguez, que nós já ao céu agradecêmos o favor de... vos vêrmos desmascarádos de tanta hipocrisia.

A sorte nem sempre é adversa para todos e que o diga o vosso colêga da Bula que com muita poupança maquia déla 3 contos e pico.

Prégai curas da aldeia, prégai os beneficios da Bula, as indulgencias e outras coisas mais, mas não vos esqueçais de dizer tambem quem é que da Bula come a melhor bola.

Prégai, e ide sendo o caixeiro com paga duso, que de vós será tambem o reino da palermice.

Depois de tantos trabalhos apostólicos entre as lusas gentes, é justo que os *episcopus* descancem e nada de os chamar a trabalhos como alguem pretendia, antes com o poeta lhe digâmos:

Deuses a quem o Império concedido
Das almas foi; e vós sombras caladas,
Cáos, e Phlegetonte denegrido,
Estancias do silencio e noite amadas;
Seja-me agora dado, e permitido
Declarar o que ouvi; e as sepultadas—
Cousas dizer, com vossa autoridade,
Em a profunda terra e escuridade.

Mais a maior das furias assentada
Está junto, e proíbe a estes malditos
Tocar c'o as mãos as mêsas, e indignada
Se põem c'o facha em pé, e dá mil gritos,
Aqui esses, que na vida desejada
Em odio dos irmãos fôram convictos,
Ou atrevidas mãos nos padres poséram,
Ou ao cliente fraude algum fizéram

Aqui presos esperam seu castigo

. . . .

Impossivel contar-te me seria
Todas as fórmas, e diversidades,
Que ha de culpas, por uma e outra vida,
De pecados enormes, e moldades:
Nem os nomes dizer-te poderia
De muitas penas, e as atrocidades,
Que aplicadas estão para cada erro,
Se cem linguas tivéra, e a voz de ferro.

E ainda quando no supremo dia
A vida os deixa, nem porisso todo
O mal dos miseraveis se desvia,
Nem os fragmentos corporaes de todo
E' força que se purguem todavia
Por admiravel, e diverso modo,
Muitos erros e crimes contraídos,
E por mui largo tempo cometidos.

UM CATOLICO

NEM PIO...

Emudecêram os defensôres, na imprensa, do sr. Pereira da Cruz. Nem o *Camaleão* nem o *orgão dos taberneiros*, unicos periodicos de *categoria* que tratáram do caso em que anda envolvido o nome daquele medico, publicaram mais uma linha pela qual nos advenha o convencimento de que realmente o homem que aqui temos acusado de contratar, por dinheiro, isenções do serviço militar se prepáre para exigir de nós uma repação, no tribunal, á sua honra ofendida ou ainda a passar a fio de espada todos quantos concorreram para ésta *campanha de difamação* em que andâmos empenhados, mas que o sr. Pereira da Cruz, apezar da sua *elevada estatura moral* e do *apoio da opinião* onde *foi feito um movimento de repulsão veemente* ao ter déla conhecimento, não é capaz de castigar chamando-nos á responsabilidade do quanto aqui se tem escrito sobre as burlas que impunemente queria continuar praticando no atual regimen a que deu a sua adesão apenas o viu proclamado, como se a Republica fôsse ou devêsse ser a continuação da corruta monarquia.

E porquê?

O sr. Pereira da Cruz bem o sabe. Conhece perfeitamente o gráu do seu crime e basta ter consciencia de que o praticou para ser o primeiro a não lhe convir *o nosso castigo* que, no caso presente, só a éle séria prejudicial por nos dar ensejo a desmascaral-o ainda mais do que temos feito.

Para quem se tinha por uma individualidade de destaque no nosso meio, hão de concordar que é preciso possuir grande dóse de bôjo para aparecer em público depois désta formal liquidação, que, estâmos convencidos, hade servir de exemplo, embora não seja tão completa quanto a desejávamos para honra e prestigio da Republica.

Não fôsse o sr. Pereira da Cruz *tenente medico miliciano, medico municipal no concelho, delegado de saude no distrito, homem politico, politico republicano e republicano democratico*, que nós queriâmos vêr onde hoje estaria. Por muito menos do que lhe é atribuido fôram condenádos na comarca de Oliveira de Azemeis o *Mélro*, o *Cancélas* e o *Sarrilhas*, além do *José Cuco*, em Lisboa, e nunca ninguem disse que a lei foi mal aplicáda. Ora o mesmo devia acontecer com o sr. Pereira da Cruz, que, não sendo um *inocente*, como continuâmos a afirmar, como esses, lhe competia expiar o seu crime mostrando-se que entrâmos afinal num regimen verdadeiramente democrático.

Se assim fôsse com certeza que nem ao *Camaleão* nem ao *orgão dos taberneiros* sobráva tempo para deitárem cá para fóra isso com que as duas desacreditádas gasêtas julgáram beneficiar o sr. Pereira da Cruz e que não passou do *dé profundis* resádo á beira do seu cadaver.

Partindo da hipotese, cláro, de que o sr. Pereira da Cruz é homem que *esticou*, moralmente.

Souza Larcher

Deixou de existir em Lisboa, o cidadão José de Souza Larcher, decano dos republicanos portuguêses, a quem por ocasião do seu 90.º aniversario, em 5 de Maio de 1911, foi prestada uma grandiosa homenagem visto ser o lutador mais antigo dos ideiaes democráticos naquéla época.

Era tio do fundador do nosso colêga *Leiria Ilustrada*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Adéga Social

Abriu já as suas portas na *rua da Revolução* este estabelecimento de vinhos, que o público conhéce dos anos anteriores e onde os seus proprietarios, srs. Antonio Maria Ferreira e irmão expõem á venda os melhores produtos da quinta do *Barbas*.

A *Adéga Social* tem, como de costume, instalado um magnifico serviço de *restaurant*, de cuja cosinha se encarregou pessoa habilitadissima na arte culinária isto a par do inexcedivel aceio e limpêsa que ali se notam.

Para o anuncio insérto noutro logar dêste jornal chamâmos a atenção dos leitores.

Comunicados

A questão da casa da aula do sexo masculino da Palhaça

O sr. Calado e companhia, ainda que involuntariamente, veio já dar razão a parte do que tenho dito sobre a inconveniencia da atual casa da aula do sexo masculino. Diz que obteve licença para não dar aula nos dias de feira. Fica, pois, provada a má situação da casa, que ha 18 anos, diz o sr. Calado & C.ª, tem servido mal para o efeito, sem que ninguem visse esse inconveniente antes de eu o dar aqui neste jornal. O resto hade vir depois—quem sabe?—até confessado pelo sr. Calado & C.ª.

A questão vai para os tribunais, se lá não estiver já, e lá se averiguará tudo muito a miúdo. Na administração do concelho de Oliveira do Bairro respondi pela fórma que o sr. Calado & C.ª já deve saber, que me parece, e mesmo consta, ficou bem triste, por isso. Foi, pois, desafiádo o sr. inspector para os tribunais e agora desafio tambem o sr. Caládo & C.ª, tão convencido eu estou de que tenho dito a verdade, e as pessoas que a casa me tem vindo dizer as coisas não faltarão a éla.

O sr. Caládo & C.ª ainda désta vez não arrebentou os aparelhos, mas vem a arrebental-os dentro em pouco. O sr. Caládo & C.ª, se não fôssem uns burros muito grandes, não diziam que eu arrendei a casa do padre mestre, ou seja a casa do cemiterio, como lhe chamam. Um potreiro tem mesmo obrigação de ser trampolineiro, e é, no caso presente, do que o sr. se serve. As testemunhas foram mandadas por conta e ordem de toda a câmara, como por conta da câmara, representada pelo sr. vice-presidente Manuel de Oliveira Mota, João Pato e eu, foi arrendada a casa do padre mestre. E sabe o sr. Caládo & C.ª, porquê? Porque a Republica não se implantou em Portugal para esbanjar dinheiro, o que, infelizmente, acontece. O sr. Coutinho enviou á câmara um requerimento a exigir mais cinco mil reis pela renda da casa, ao mesmo tempo que o sr. Caládo falava em vinte cinco mil reis para renda de casa, visto que, contra a lei, residia em Ouca.

Aqui tambem fica provado que a casa que a câmara arrendou, custava trinta mil reis, casa de aula e residencia, emquanto que os caprichos do sr. Caládo & C.ª, custam, dentro em pouco, cincoenta ou sessenta mil reis á câmara! A câmara de Oliveira do Bairro, a que eu pertenço por pouco tempo, é que não sabe desempenhar o seu logar. Porque de resto o sr. inspector aprovava a casa tantas quantas vezes fôsse preciso. Mas o sr. Amorim conheceu os humores da câmara, joga como quer e faz muito bem. Ha casas de aula bem mais perto de cemiterios do que está a casa do padre mestre. Assim como ha tambem fócos bem mais pequenos, e todavia trazem lá mais alunos em relação a tamanhos do que a escola da Palhaça. E o sr. Amorim se quer casas grandes que puche do seu bolso, e pague. A câmara tem obrigação de zelar os interesses do concelho, e visto que paga tem, devia ter, o direito de mandar. E creia o sr. Caládo & C.ª, numa coisa: é que é muito justa a minha questão da casa da aula.

Sob o ponto de vista moral e economico, éla não póde ser mais justa. E sob o ponto de vista politico tem élatoda a razão de ser, porque é exactamente sob o ponto de vista politico que a questão é tratada pelo sr. Caládo & C.ª, embora a defendam junto com o sr. alguns individuos que fazem o favor de ser meus amigos e estão a meu lado, cujos individuos ignoram o resultado politico que esta questão vem a dar. Isto sob o ponto de vista politico, para onde a levam os monarquicos Quanto a mim, éla é tratada sob o ponto de vista moral e economico, simplesmente.

O sr. Caládo & C.ª, precisa de... umas lunetas, se não escreve de má intenção.

Devia ter visto que eu declarei já que, tendo apresentado queixa ao sr. governador civil, sua ex.ª enviou-a á administração do concelho de Anadia, visto qne ali pertence o sr. inspector escolar do circulo. Nada tem, pois, de que se melindrar comigo a administração do concelho de Oliveira do Bairro.

Emquanto aos duzentos mil reis que estão á minha disposição, não tem isso importancia, porque a gente da laia do sr. Caládo & C.ª, não trata de outra coisa que não sejam inventos caluniosos. Em todo o caso é bom que o sr. Caládo & C.ª, substitua o *consta* por dissem'o fulano, dizendo-lhe o nome por completo.

Eu já disse ao sr. Caládo & C.ª, que não se devia inutilisar por suas proprias mãos.

Sabe que o que eu quero é que a firma escreva sobre esta questão. A casa do padre mestre, pôsto que a aula para ali vá, tem caminhos por onde as creanças possam sair sem vir ao largo da feira em dias de mercado, e tanto esses caminhos servem para as do Roque, como para as de Vila Nova, como para as do Rebolo. E se o sr. Caládo & C.ª quizér vêl-os, é questão de vir ter comigo que eu da melhor vontade lh'os vou mostrar. Enquanto que da actual casa de aula são obrigados a sair por entre povo e gado, porque não tem outra saída. E se não se tem dado desgraças, a casa não está sempre a cair.

Diz o sr. Caládo & C.ª, que será rancoroso por me ter aceitado dois filhos sem edade, os quais eu devia ter-lhe entregado pessoalmente.

Não é nada disso. O rancôr está-lhe na massa do sangue, como dizia o outro. Os meus filhos se lhe não foram entregues pessoalmente, foram-lhe apresentados com uma carta minha, que éra o suficiente. Bem sei que o sr. Caládo & C.ª, deseja que todos lhe vão ao beija-mão. Mas eu não vou á missa... e em pé custa-me beijar...

Mas o mais bonito do artigo da firma apontada é os meus filhos irem para a escola antes do tempo. Ha aqui duas coisas que, a serem verdadeiras, honrariam as duas partes—o sr. Caládo e eu. Era que eu e os meus filhos mostravam interesse pela escola e o sr. Caládo teria procedido como um homem de bem. Mas ó homem de Deus ou do diabo! pois você ainda só este ano me recensearía o meu filho José, que tem 9 anos!? Ou seria o Amilcar, que tem 10?

Diga, diga sr. Caládo & C.ª, qual dêles foi que o sr. recenseou este ano? A prova, sr. Caládo & C.ª, a prova!...

A firma vem toda admirada de eu a ameaçar com uma ronda á porta da aula. Pudéra!

Mas eu lhe digo. O sr. Caládo & C.ª, tem razão para se admirar, atendendo a que ha 18 anos ninguem se tem importado com os castigos quo o sr. tem dado a creanças, castigos que um carrasco não teria coragem de dar. E eu sabendo disso e constando-me que um dos meus filhos ia ser mimoseado com o tal castigo de... alma impiedosa, disse, é verdade, que ia rondar a casa. Não fui nem mandei, e o sr. Caládo, porque já sabia, não castigou a creança. E não mais a castigará nem a outros, com semelhantes castigos. O castigo, que é improprio dos tempos que atravessâmos, e até desumano, é o seguinte: Dizem algumas creanças (não são os meus filhos porque não lhe dou a confiança de perguntar o que se passa na aula) que algumas têm sido as vezes que o sr. Caládo tem tido os seus discipulos de joelhos na aula e desde a entrada até saírem, umas vezes com as mãos direitas, virados para a rua, outras vezes de joelhos com a balança e os pezos do sistêma métrico á cabeça durante 4 ou 5 horas, que é o tempo que a aula dura! Ora é contra isto que eu me revolto e é por saber disto que eu falei em vigiar o que se passa dentro da aula. Para estes castigos, que eu estou pronto a provar, chamo á atenção do sr. governador civil do distrito.

Que diria o sr. inspector escolar do circulo ao deparar com uma creança de joelhos numa casa fria, com os pezos e balança do sistêma métrico á cabeça? Era possivel que pedisse para o professor uma medalha de cobre. Ao resto do artigo do sr. Caládo & C.ª, responderei em ocasião oportuna.

Palhaça, 28 de Dezembro de 1912.

Manuel de Mélo

Se o MÉLRO, **o** CANCÉLAS, **o** SARRILHAS **e o** JOSÉ CUCO **fôram condenádos nos tribunais civis por contratárem com vários rapazes recenseados para a vida militar o seu livramento nas inspecções, mediante quantias várias, não será uma flagrante injustiça, uma revoltante iniquidade o que á volta do caso Pereira da Cruz se está passando? Que leis são éstas de tanta severidade para uns e tão pouca ou nenhuma para outros embora mais responsaveis do que os primeiros? Se a lei não é igual para todos, anule-se o processo dêsses desgraçados que tem todo o direito á liberdade desde que em liberdade tambem anda o medico miliciano Pereira da Cruz.**

CORRESPONDENCIAS

Guimarães, 5.

Encontra-se entre nós, o sr. dr. Eduardo de Almeida Junior, secretário da Câmara dos Deputados.

— Encontra-se detido no leito com uma pertinaz doença o sr. Marcos Santos Guimarães, director do *Imparcial*.

— Foi nomeado clinico do liceu nacional désta cidade, o sr. dr. Fernando Gilberto Pereira.

— Lêmos por acaso o numero ultimo da *lamparina* local a que chamam *Luzitano*, vomitando a sua espuma rancorosa sobre um grande republicano da localidade, que vem escrito na linguagem do mais refinado atrevimento.

Tão nojento. cancro já devia ter sido debeládo, porque a paciencia também se esgota.

Ou terá o povo de fazer justiça por suas mãos?

— Vimos ha dias nésta cidade, o nosso amigo Alvaro Dias de Almeida, de Lordêlo.

— Participa-nos o sr. Bento José Batista, que tomou a direcção da alfaiataria de seu pai, ao largo de S. Tiago, onde espera as ordens dos ex.mos freguezes.

G.

Macieira de Cambra, 7

No ultimo numero refere-se este jornal ao facto do tal Camilo de Matos ter descolado os sêlos que, por ordem do Ex.mo Governador Civil, a Administração do Concelho tinha colocado em uma farmacia que o mesmo possue em Santa Cruz, e que é administrada por um praticante. São passados já 10 dias e o homem continúa com a farmacia aberta, dizendo que está *dentro da lei*, e que a abrirá tantas vezes, quantas as autoridades lh'a mandem fechar.

Francamente não percebo bem como as autoridades consentem isto.

—Os *talassas* cá da terra andam animados; até á malograda conspiração de Julho espalhavam que a *coisa* estava certa, e que só precisavam da monarquia por 1|2 horas para *eliminar* todos os republicanos cá da terra do numero dos *vivos*.

Com gente désta é que o D. Manuel contava.

Agora os *talassas* vão certamente aderir, mas conservam guardado certo armamento com que estavam prevenidos antes da conspirata de Julho. No numero seguinte contiduarei a tratar dêste assunto.

S.

Cacia, 4

Sabemos que os republicanos da Quintã do Loureiro tencionam transformar numa festa de caractêr civico o tradicional *S. Simão* que a 28 de outubro se festeja naquéla localidade. O programa consta-nos estar assim elaborado: a festa é transferida para 28 de Setembro. Haverá iluminação á veneziana, embandeiramento e ornamentação nas ruas, desde o largo do *Brazileiro* ao largo da capéla do *S. Simão*; fogo preso e solto de todas as variedades; cortejo civico com o concurso das creanças das escolas, que entoarão hinos e canções patrioticas; sermão ao ar livre pelo actual governador civil da Guarda, o grande orador e revolucionario, padre João Soares, tenente professor do heroico 16 de infantaria que iniciou a Revolução; corridas pedestres e de bicicletes; corridas de sacos; maestro de *cocagne*; entremez, danças e canções das tricanas de Aveiro; tres musicas; animatografo; tiro ao alvo; bôdo aos pobres e distribuição de bibes e calçado ás creanças pobres, etc.

O juiz da festa é o grande republicano, João Afonso Fernandes, presidente da Comissão paroquial republicana de Cacia. Da comissão dos festejos fazem parte os cidadãos, Manuel Nunes Ferreira, o tenente Alberto Quaresma, Jaime Dias Ferreira, industrial, Manuel Dias Ferreira, secretario da administração do 2.º Bairro de Lisboa, José Maria Pardilhão, encarregado das maquinas da Manutenção Militar, etc.

Vão ser enviados aos filhos da freguezia de Cacia, domiciliados em Lisboa, Africa e Brazil, circulares, afim de se angariar receita para fazer face ás avultadas despezas dum tão magnificente programa.

A iniciativa que os nossos correligionarios tivéram é digna de todos os elogios.

Visa éla a laicisar as festas religiosas que se realisam na freguezia, substituindo-as por outras de caracter civico com as quaes, estâmos certos, o povo se identificará.

A'vante, pois!

═ A benemerita Comissão Paroquial désta freguezia acaba de manifestar mais uma vez o seu nunca desmentido patriotismo, concorrendo para a subscrição do Directorio para acquisição de aeroplanos, com a elevada quantia de 116$075 reis, saldo das contas encerradas em Outubro ultimo. Toda a escrituração da receita e despeza acha-se em poder do respectivo secretario, que prestará todos os esclarecimentos áquéles dos nossos correligionarios subscritores, que para tal fim se lhe dirigirem.

C.

Oliveira de Azemeis, Loureiro, 2

Foi ultimamente distribuido nésta freguezia, vindo do Rio de Janeiro, um papeluxo com o titulo de *O Povo de Aveiro no Exilio*.

O que mais nos admira é que esse pasquim venha dirigido aos republicanos adquiridos na ultima colheita pelos dirigentes do grupo Democratico no concelho, o que se confirma por no dia 29 findo um empregado público, protegido por aqueles, repetir deante de quem o quiz ouvir o fraseado do *Pulha* contra a Republica e os seus homens, mas muito particularmente contra o sr. dr. Afonso Costa e as leis por éle publicadas, e elogiando os dois judeus errantes e o papelucho que tinha recebido.

Está bem servido o salvador da nossa querida Patria com estes adeptos.

— Causou aqui bastante desgosto a carta publicada pelo sr. Presidente da Republica, mas foi bem recebida a deliberação do govêrno. Nem outra coisa era de esperar do alto conceito em que o sr. dr. Duarte Leite é tido.

— No dia 28 do mês findo, a filha Albina do nosso amigo Manuel Gomes de Carvalho, de Valverde, désta freguezia, conduzin-

do um carro de bois, ao dar uma volta no logar de Rodes teve a infelicidade de sobre a cabeça lhe passar uma roda produzindo-lhe morte instantanea.

A pobre rapariga contava apenas 21 anos.

A toda a familia os nossos pêsames.

C.

Alquerubim, 3

Por ésta freguezia são lidos com avidez os jornaes de Lisboa, porque toda a gente espera vêr um ministério novo. Ano novo e ministério novo... será muito! Vamos gosando o ano novo com ministério velho, e que tudo corra em paz e harmonia, e do mais... *Deus super omnia.*

— Partiu hoje para a capital, a passar o resto do inverno o sr. Manuel Pereira Martins e familia, da Fontinha.

Que tenham saude e que regressem bem é o que lhes desejâmos.

C.

Castélo de Paiva, 7

Na nossa correspondencia insérta n'*O Democrata* de 3 do corrente, onde se lê, conto e tantos mil reis, deve lêr-se oito centos e tantos mil reis.

As injustiças, modo como se administra a justiça e se calca a lei aos pés, havemos dizel-o nos proximos n.os e sem o minimo receio, dôa a quem doer e custe o que custar. Não nos enganâmos quando dizemos... é negocio de estomago vasio, a fome mete lebre a caminho e quem te manda sapateiro tocar... rabecão...

C.

Anadia, 6

Têve ontem logar uma reunião dos socios do *Centro Escolar Democratico* de Anadia, em assembleia geral, para resolverem qual a orientação politica que o *Centro* deve tomar, sendo resolvido por unanimidade que seja seguida a bela orientação do velho e verdadeiro *Partido Republicano Português*, resolvendo-se tambem que fôsse enviada copia da acta désta deliberação ao Directorio, para que reconheça seu unico delegado, nête concelho, este *Centro Escolar Democratico*

Foram tambem eleitos os corpos gerentes para o corrente ano, sendo assim feita essa escolha:

Para a assembleia geral

Efectivos — Presidente, Aristides Seabra; vice-presidente, Adriano Rodrigues Cancéla; 1.º secretario, Mario Mota; 2.º secretario, José Cancéla.

Substitutos — José Cordeiro, Manuel Rodrigues Cancéla e Albino da Costa Pereira.

Para a comissão executiva

Presidente, Alberto Sobral; presidente substituto, Joaquim José de Barros; secretario, Manuel Francisco Dias; tesoureiro, José Martins Lares.

C.

FALECIMENTO

Quando já estava paginado o resto do jornal fômos surpreendidos com a noticia da morte da esposa do nosso amigo Francisco Moreira, capitão da marinha mercante, que ontem pela tarde exalou o ultimo suspiro no meio de atroz sofrimento.

D. Joana Moreira, assim se chamava a inditosa senhora, deixa na orfandade quatro creancinhas de tenra edade, a mais nova das quais pouco mais conta dum ano.

Era socia do *Centro Escolar Republicano.*

A toda a sua familia e em especial a seu marido o nosso cartão de sentidos pêsames.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

300$000 reis

Perdeu-se esta quantia, no dia 8, desde a Praça do Peixe até aos Arcos. Quem a achasse e a queira entregar a Jeremias Vicente Ferreira, receberá bôas alviçaras.